

# TEOLOGIA PRÁTICA EXPERIENCIAL NAS FONTES FRANCISCANAS

*Frei Silvestre Gialdi\**

## Introdução

O movimento franciscano não inicia a partir de uma base teórica fundante, mas nasce da experiência vivencial, existencial, espiritual e eclesial de Francisco de Assis e seus posteriores companheiros.

Pode-se ilustrar a prática experiencial franciscana através da alegoria do “Banquete com a Santa Pobreza”, descrita no *Sacrum Commercium*:<sup>1</sup>

---

\* Professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade de Caxias do Sul (RS).

<sup>1</sup> Abreviaturas:

<b>Adm</b>	Admoestações;
<b>AP</b>	Anônimo Perusino;
<b>Cant</b>	Cântico do Irmão Sol;
<b>Com</b>	Sacrum Commercium;
<b>Csd</b>	Considerações sobre os Estigmas;
<b>EV</b>	Elogio das Virtudes;
<b>Fior</b>	Fioretti;
<b>LM</b>	São Boaventura, Legenda Maior;
<b>LP</b>	Legenda Perusina;
<b>SP</b>	Espelho da Perfeição;
<b>Test</b>	Testamento;
<b>1C</b>	Tomás de Celano, Vida Primeira;
<b>2C</b>	Tomás de Celano, Vida Segunda;
<b>1Rg</b>	Primeira Regra, Não-Bulada;
<b>2Rg</b>	Segunda Regra, Bulada;
<b>3S</b>	Legenda dos Três Companheiros;

Francisco e seus companheiros conduzem a Dama Pobreza para comer. Uma vez no ambiente, a Senhora Pobreza se admira ao constatar a ausência do refeitório, da cozinha, da sala capitular, do claustro, da capela, do dormitório e da sala de visitas. Enfim, não encontrou nada para o banquete. Apenas vê os frades “alegres e felizes”. A Dama Pobreza pede-lhes água e toalha para lavar as mãos. Os frades trouxeram a água num vaso de barro quebrado e a túnica de um frade como toalha. E o banquete consistia apenas em alguns pedacinhos de pão de cevada colocados sobre a relva. Ato contínuo, a Senhora Pobreza pediu que servissem as travessas com a comida. Apresentaram uma travessa com água fria para molharem o pão seco. Em seguida, pediu-lhes verduras, sal, vinho, faca e os frades de nada dispunham. E o banquete terminou com “todos satisfeitos, mais pela alegria de tão grande privação do que poderiam estar se tivessem fartura de tudo” (Com n. 51-63).

Na prática experiencial franciscana verifica-se a harmonia entre a razão simbólica e a razão dialética: intuição e inteligência, sabor e saber, sentimento e lógica, síntese e análise, estética e ética. As vivências cotidianas do franciscanismo não se fundamentam em doutrinas filosóficas e teológicas, mas “é um estilo de viver, um comportamento e um modo de tratar o mundo, os outros e a vida” (Merino, 1982, p. 30). Pois, a experiência religiosa, carismática e espiritual do movimento franciscano está impregnada pela fraternidade humana, cósmica, poética e amorosa. Trata-se de uma experiência tocada pelos impulsos do coração: seguir a Jesus Cristo e servir à fraternidade universal com amor profundo e transformador. É a experiência de receber e encarnar a vida como dom. Ao mesmo tempo, viver e admirar o mundo com gestos de gratuidade, na condição de “peregrinos e forasteiros”, em contínuo êxodo, em contínua diáspora (2C n.29,59). Uma experiência de fé vivida, comunicada e compartilhada, como um modo próprio e original de existir no mundo.

Em número de seis podem-se resumir as experiências franciscanas mais significativas da vivência cotidiana. A experiência da exclusão e do êxodo, primeira experiência carismática de Francisco de Assis; em seguida, a motivação fecundante, ou seja, a experiência do seguimento a Jesus Cristo, aprofundada na experiência de Deus; como quarto ponto a experiência da fraternidade universal e cósmica; ato contínuo, a experiência da evangelização como serviço gratuito, como testemunho de paz e como anúncio da Palavra de Deus; e, por fim, a experiência do desejo, da utopia e dos sonhos.

- 
- 4Ct-b** Carta aos Fiéis. Segunda Recensão;  
**6Ct** Carta a um Ministro da Ordem;  
**7Ct** Carta à Ordem dos Frades Menores.



Pony 96

***Perfeita Alegria***  
*Poty 1997*

## **A experiência da exclusão e do êxodo**

A primeira experiência vivida por Francisco e, posteriormente, pelos seus companheiros, foi a exclusão e o êxodo. A exclusão significa encontrar o sentido da vida e da dignidade humana junto ao mundo periférico, marginal e excluído. E o êxodo significa sair de si e encontrar o outro como irmão e amá-lo com amor maternal, com ternura, carinho, presença, confiança e paciência.

A experiência da exclusão conduz Francisco e seu grupo para fora dos muros de Assis, ao encontro do leproso, do mendigo, do outro, do verme, da cigarra, da cotovia. Ao mesmo tempo, a experiência do êxodo conduz para a contínua diáspora, como “perêgrinos e forasteiros”.

A exclusão vivida por Francisco começa com um fato que o marca definitivamente: “[...] como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo” (Test n. 1,1-3; 1C n. 7,17; LM n.1,5).

Essa é uma experiência que começa, marca e transforma. Faz acontecer uma vida nova, não por força de sua iniciativa e generosidade, mas como dom de Deus, como gratuidade. É uma experiência interior ativa, provocativa, libertadora e operativa: “e eu tive misericórdia com eles”. Essa atitude não significa apenas condescendência e compaixão. É uma experiência mais profunda e mais ampla. Francisco reconhece no leproso um ser humano: identidade, estatuto, dignidade e valor de pessoa humana. Não lhe deu esmola, um gesto de generosidade. Deu-lhe um beijo, um gesto de humanidade. A esmola seria uma sobra de sua riqueza e a sua vida não teria mudado. Porém, a sua vida mudou porque mudou o horizonte.

Francisco não usou o leproso para fazer um ato generoso e solidário a partir das sobras, mas reconheceu no leproso a humanidade excluída. Com o beijo no leproso, descobriu que o lugar do homem verdadeiramente humano estava fora dos muros da cidade e fora dos homens de Assis, onde se encontravam os leprosos, os mendigos, os forasteiros, os diaristas. Na Regra não-bulada encontra-se expresso este desejo: “[Os frades] devem estar satisfeitos quando estão no meio de gente comum e desprezada, de pobres e fracos, enfermos e leprosos e mendigos de rua” (IRg n. 9,3).

A prática experiencial da exclusão e da solidariedade para com a miserabilidade humana, para com a parte inferior da história, excluída dos muros da cidade e do afeto dos homens de Assis, conduz Francisco à prática

experiential da conversão e do êxodo: sair do século (Test n. 1,3). Não apenas aderiu aos excluídos, mas ele mesmo foi excluído, deserdado e abandonado pelo pai, pelo irmão e pelos amigos (1C n.5,10-12; 2C n.7,12).

Francisco e seus companheiros fazem a experiência da adesão radical a uma nova forma de vida e a experiência da exclusão marginal, periférica e completa, como descreve Santaner (1993, p.132): “Sua conversão fá-los ‘sair do século’ muito mais completamente do que os leprosos de que cuidam. Não existe categoria social alguma em que possam ser classificados.” E no âmbito da Igreja, Francisco e seus irmãos “não são nem cônegos, nem monges, nem clérigos. Impossível catalogá-los em alguma das categorias eclesíásticas socialmente reconhecidas.” (Santaner, 1993, p. 133) Porém, são homens da Igreja, em comunhão com a igreja e solidários com o mundo dos excluídos, sem serem criminosos, ladrões e marginais. O mesmo autor completa: “Francisco não move processo contra ninguém. Não é visto pela sociedade como um perturbador, tampouco é suspeito de heresia perante a Igreja. Não opõe às estruturas existentes nem um modelo contra a sociedade, nem um modelo contra a Igreja. Mas nem a sociedade, nem a Igreja conseguem integrá-lo no desenvolvimento de sua lógica” (p. 146).

A pobreza e a simplicidade de vida, por causa do Evangelho e de Jesus Cristo, conduzem Francisco e seus companheiros da experiência da exclusão para a experiência do contínuo êxodo.

A prática experiential do êxodo, por sua vez, é conceitual e vivencial: viver como “peregrinos e forasteiros” (2Rg n. 6,2; Test n. 7,24). Esses elementos sustentam e fundamentam a consciência da pobreza, da simplicidade, da humildade e da provisoriade: viver no mundo como desapropriados, indefesos, desprotegidos, porém confortados pelo amor fraterno. E a própria Regra afirma: “E onde quer que estiverem e se encontrarem os irmãos, mostrem-se afáveis entre si. E, com confiança, manifeste um ao outro as suas necessidades, porque, se a mãe ama e nutre seu filho carnal, com quanto maior diligência não deve cada um amar e nutrir a seu irmão espiritual?” (2Rg n. 6,7-8).

Essa é a prática e a expressão ideal da vivência franciscana: a pobreza radical e a excelência da caridade materna. O despojamento, o aniquilamento, a desapropriação libertam os irmãos das preocupações. Ao mesmo tempo, abrem-se para os cuidados especiais mútuos e para o amor fraterno dedicado aos excluídos. Por isso, ser “peregrino e forasteiro” não tem caráter puramente literal de vaguear e perambular, mas o sentido de peregrino e forasteiro a exemplo de Jesus Cristo: atender o irmão “necessitado de ajuda e de caridade de outrem. [...] ser efetivamente pobre (desapropriado, desprovido, dependente, humilde) e esperar confiantemente na ‘segura’ providência do Senhor.” (Caroli, 1993, p. 568).

A prática experiencial do êxodo é uma atitude fundante e fundamental da conversão. É uma experiência profunda de liberdade radical: ser peregrino e forasteiro no mundo e diante do mundo, sem possuir bens, sem possuir o tempo, sem possuir os outros e sem possuir a si mesmo. Irmãos despojados de prestígio, de fama e de segurança. Guiados unicamente pelo “espírito do Senhor e sua santa operação” no seguimento a Jesus Cristo.

### **A experiência no seguimento a Jesus Cristo**

O seguimento a Jesus Cristo é uma experiência de fé, como atesta Francisco: “E depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho.” (Test n. 4,14) A partir desta intuição, iluminação e revelação, Francisco e seus companheiros fazem uma experiência original e autêntica de vida no seguimento a Jesus Cristo: abandonar os bens e viver em fraternidade. E Santaner (1993, p. 41) confirma: “Começou a existir o irmão Francisco quando ele e seus irmãos, para seguir as pegadas de Jesus Cristo, optaram viver sem ter ‘nada de seu’. Juntos inauguraram neste dia uma caminhada de fé. Puseram-se a crer com a fé do próprio Jesus Cristo. A partir de então puseram-se a anunciar a paz a todos.”

Contudo, dois acontecimentos, como dois segredos, marcaram decisivamente o encontro de Francisco de Assis com Jesus Cristo: o Crucifixo de São Damião e os estigmas do Alverne. A experiência de São Damião é narrada no capítulo V da *Legenda dos Três Companheiros*, no capítulo II da *Legenda Maior de São Boaventura* e no capítulo VI de Tomás Celano, segunda vida. Na igreja de São Damião, Francisco ouve uma voz interior. Tem convicção de que são palavras divinas. Atende. Entra na pequena igreja. É interrogado e aceita o envio (Merino, 1991, p. 211).

A pintura do Crucifixo de São Damião retrata o mistério pascal de Cristo. A cruz é uma abertura de um túmulo. A simbologia da Ressurreição é representada pelo túmulo aberto, decorado por rendas e fundo escuro. Em primeiro plano destaca-se a figura branca de Cristo: o crucificado e o ressuscitado, simultaneamente, pregado na cruz e saindo glorificado da sepultura. Em baixo dos braços, encontram-se as personagens da sexta-feira santa: à esquerda, Maria, João e um soldado, este em menor tamanho; à direita, Maria Madalena, Maria mãe de Tiago, o centurião e outro soldado, também menor. Junto às mãos de Jesus estão os anjos do domingo da Ressurreição, em diálogo. Na extremidade das mãos, anjos ou mulheres que acorrem ao sepulcro. Às costas do centurião aparece a cabeça de outra personagem: o

autor da pintura ou um representante da multidão ou o filho do centurião curado por Jesus (Jo 4,48). Aos pés, os padroeiros de Assis: Damião, Rufino, Miguel, João Batista, Pedro e Paulo. E, no alto, a mão de Deus, o coro celestial de anjos e Cristo com o estandarte da vitória. Destaca-se a inscrição: “Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum” (Jo 19,19).

Observam-se outros aspectos. Os braços estendidos não sustentam um cadáver, mas sugerem um bater de asas. A disposição do corpo, mãos, espáduas, peito, pernas e pés representam um corpo vivo e resplendente, embora bem preso à cruz. Os olhos estão abertos, voltados para os lados e para o horizonte. Os lábios do Crucifixo de São Damião expressam palavras e vida para Francisco de Assis: “Os olhos de Francisco começaram a ver o que vêem os olhos do Crucifixo” (Santaner, 1993, p. 63).

Por sua vez, o Monte Alverne imprime em Francisco as marcas do Crucifixo de São Damião e traduz o espírito de entrega radical, expressa na oração que precede os estigmas: “O Senhor meu Jesus Cristo, duas graças te peço que me faças antes que eu morra: a primeira é que em vida eu sinta na alma e no corpo, quanto *for* possível, aquelas dores que tu, doce Jesus, suportaste na hora da tua acerbíssima paixão; a segunda é que eu sinta no meu coração, o quanto *for* possível, aquele excessivo amor do qual tu, Filho de Deus, estavas inflamado para voluntariamente suportar uma tal paixão por nós pecadores.” (Csd, Terceira Consideração).

O Monte Alverne não significa uma piedosa consideração, mas re-flete os segredos e os mistérios vividos e ocorridos entre Francisco e Jesus desde a experiência diante do Crucifixo de São Damião. Essa unidade experiencial é afirmada por São Boaventura: “Essa Cruz de Cristo, efetivamente, te foi proposta no início da tua conversão e a aceitaste. Levaste-a continuamente em seguida durante tua vida de perfeição e deste dela um exemplo aos outros. E agora ela nos mostra com tal evidência tua chegada ao cume da perfeição do Evangelho.” (LM n. 13,10).

A impressão dos estigmas não é um ato isolado, estático e miraculoso. É a culminância da experiência cristológica contínua vivida por Francisco, que lhe confere o estatuto universalmente conhecido, como expressa Santaner: “Não poderíamos imaginar Francisco de outro modo a não ser com os estigmas [...]. Sem os estigmas já não é ele. É que pelos estigmas Francisco é o fruto do segredo de sua vida!” (1993, p. 123).

Enfim, a experiência centrada na pessoa de Jesus Cristo orientou e definiu a vida de Francisco para o essencial: uma vida de conversão contínua ao Evangelho e no seguimento a Jesus Cristo salvador, rei, obediente, servo, pobre e sofredor. Jesus Cristo do Presépio (Natal) à Cruz (Ressurreição). Francisco não escreveu um tratado de cristologia, mas vivenciou e

revelou uma experiência religiosa e espiritual profunda e radical: deixou Jesus Cristo falar e conduzir a sua vida cotidiana numa perspectiva nova e transformadora.

### **A experiência de Deus**

A experiência de Deus em Francisco de Assis revela uma profunda relação de despojamento de si mesmo e de confiança irrestrita no mistério de Deus. Desarmado da dúvida inconseqüente e do questionamento defensivo, Francisco viveu uma experiência de Deus, paradoxalmente, oculto e visível, abscondito e transparente. Uma relação fácil, confiante, profunda, despojada e desinteressada. Deixou-se habitar por Deus Altíssimo. Deixou-se conduzir pelo Espírito do Senhor na sua incansável busca do sentido de Deus em todas as expressões da vida e em todas as manifestações da criação.

Francisco fez uma experiência alegre, agradável, prazerosa e libertadora de Deus. Nessa direção afirma J. A. Merino (1991, p. 193): “Para Francisco Deus não é a oposição e nem a rivalidade do homem, não é anti-humano nem a negação da liberdade, nem o desmancha prazeres inoportuno na exaltação cósmica. Ao contrário, é vida da vida, força da existência, luz do destino humano, esperança do futuro incerto e celebração de graça e de comunicação.” Em seguida, o mesmo autor e na mesma obra, referindo-se ao bilhete para Frei Leão, *Louvores a Deus*, acrescenta: Francisco “deixa bem claro quem é Deus para ele. Porém, não o faz desde uma perspectiva filosófica, nem sequer teológica, nem mesmo a partir de uma visão estética ou romântica, senão desde a espontaneidade de uma profunda vivência e em tom afetivo e sapiencial. Deus não é expressível em palavras, mas é reconhecível a partir de uma experiência vivida e transmitida em linguagem teofânica” (p. 193). Isto significa dizer que o mistério de Deus aparece, toca e provoca estupor e fascínio, medo e encanto, curiosidade e atração. A experiência de Deus vivida e testemunhada por Francisco passa pela dinâmica da sua receptividade original e autêntica: deixou-se tocar internamente pelo mistério de Deus, que provocou estupor e fascínio, prostração e reverência, admiração e maravilhamento. Paradoxalmente, Francisco sentiu-se imóvel, impotente, fraco e sem resistência. Ao mesmo tempo, sentiu-se bem, sentiu-se atraído, fascinado, provocado e conduzido. E, diante do mistério de Deus que aparece e toca, Francisco procura uma resposta disponível, pronta, transformadora e operativa: “Que queres que eu faça, Senhor?” (2C n. 2,5). J. A. Merino (1991, p. 194) completa: “Francisco, ao responder generosamente à chamada divina, deu não somente

um giro radical a toda a sua existência, mas também a sua mesma vida se transformou e se transfigurou numa nova maneira de viver, de sentir e de pensar.”

A experiência de Deus vivida por Francisco passa pelo encontro profundo e existencial de si mesmo. Igualmente passa pelas situações e momentos decisivos da sua vida percorridos no silêncio, na meditação, na escuta e no discernimento. As dúvidas, os questionamentos e o processo contínuo de conversão são iluminados e fortalecidos na presença de Deus. Assim, os lugares geográficos escolhidos por Francisco para a meditação, a escuta e a revelação de Deus configuram visivelmente o “horizonte espiritual de Francisco e do franciscanismo” (Merino, 1991, p. 254), bem como a convicção interior de ser guiado e conduzido unicamente por Deus.

O texto do Cântico do Irmão Sol traduz claramente a relação íntima, vivencial, afetiva, alegre e respeitosa de Francisco com Deus, a tal ponto de não mencionar o seu nome. Refere-se a Deus no seu significado: “Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor, a glória, a honra e toda a bênção. Só a ti, Altíssimo, são devidos; e homem algum é digno de pronunciar teu nome.” (Cant n. 1 e 2). Francisco invoca o mistério de Deus de forma alegre, festiva, jubilosa e celebrativa.

E mais surpreendente e desconcertante é o texto da Regra não-bulada. Quando deveria legislar sobre a oração dos frades, Francisco reúne o universo para uma solene ação de graças. Mais do que normatizar, ele reza: “Onipotente, altíssimo, santíssimo e sumo Deus, Pai santo e justo, Senhor e Rei dos céus e da terra, damo-vos graças por causa de vós mesmo, porque por vossa santa vontade e pelo vosso único Filho, criastes no Espírito Santo todos os seres espirituais e corporais, nos fizestes à vossa imagem e semelhança.” (IRg n. 23,1-3).

Francisco celebra o Deus de bondade, o Deus de vida, o Deus de gratuidade. Deus é bom, Deus é bem: único bom e único bem (IRg., n. 17, 17-20). Contudo, não é uma experiência intimista, eremítica ou claustral, mas uma experiência pessoal, de conversão pessoal, que transforma a Igreja e a sociedade com o seu testemunho e com a sua palavra. Francisco assume e vive a radicalidade de Deus, inserido na Igreja e na sociedade, como irmão do mundo, sempre atento aos sinais e apelos de Deus. Por isso, combate a idolatria do homem e o culto da personalidade com determinação. “Gostava de repetir esta máxima: ‘O homem é o que é diante de Deus, nem mais e nem menos’. Aos próprios olhos era apenas um pobre pecador. Na realidade, porém, era o espelho resplendente de toda a santidade”, atesta São Boaventura (LM n. 6,1). Mesmo diante dos sofrimentos, das dores e da própria morte, em Deus tudo é bom, alegria, fraternidade e celebração.

Afirma Tomás Celano: “Derrubado por sofrimentos de todos os lados, causa admiração que tivesse força para suportá-los. Mas chamava essas suas dores de irmãs e não de penas” (2C n. 161, 212).

Francisco encontra Deus, mas não se apossa de Deus. É tocado, invadido e habitado por Deus. Por isso, em todas as criaturas louva o Deus altíssimo e criador. E com todas as criaturas faz a experiência da fraternidade.

### **A experiência da fraternidade**

A experiência da fraternidade ultrapassa as relações impostas e exigidas pelas qualidades e normas humanas. A fraternidade se alimenta na experiência de Deus. No Espelho da Perfeição encontra-se esta magnífica descrição: “Completamente absorvido pelo amor de Deus, São Francisco via a bondade não somente na alma adornada da perfeição das virtudes, mas também em todas as criaturas. Eis por que as amava de modo particular e profundo, especialmente aquelas em que vislumbrava a representação de uma qualidade divina ou algo que pertencesse à Ordem.” (Sp n. 113).

No Cântico do Irmão Sol, as criaturas são tratadas com delicadeza, simplicidade, respeito e amor. E, mais precisamente, são ornadas com virtudes: a irmã lua e as estrelas são “claras e preciosas e belas”; por sua vez, a irmã água é “humilde e preciosa e casta”; o irmão fogo é “belo e alegre, vigoroso e forte.” A terra recebe uma reverência especial; tratada como “irmã e mãe”, com uma dupla missão de nos “sustentar e governar.”

Na relação íntima e profunda entre o Criador e as criaturas, Francisco escutava as suas vozes louvando a Deus em coro. Nikos Kazantzakis, no romance *Pobre de Deus*, traduz maravilhosamente essa relação: “Quando as aves cantam, só distinguimos a melodia, ao passo que Francisco também compreendia a letra.” (1970, p.152). Numa outra passagem, Francisco sonha a utopia do céu: “Se eu fosse Deus, permitiria o ingresso dos bois no Paraíso, ao lado dos santos... És capaz de imaginar uma vida eterna sem jumentos, sem bois nem pássaros? Os anjos e os santos não bastam!” (Kazantzakis, 1970, p. 48).

O franciscano contempla, admira, canta, festeja e celebra a beleza e a fraternidade com a natureza. Em Francisco acontece a harmonia e o equilíbrio entre o homem e a natureza, entre o homem e o cosmo. A vida de Francisco e a mística de Assis despertam a possibilidade da paz universal. O franciscano acolhe o universo e a natureza, e a tudo dá sentido e valor. Especificamente acolhe o mundo como a grande casa paterna, onde o homem faz sua morada e realiza a sua experiência existencial, fraterna, antropológica, ética e ecológica: todos são irmãos de todos, e o não-ser é e deve

ser resgatado a partir da compreensão fraterna. Conseqüentemente, o mundo é o lugar privilegiado onde o homem realiza o seu encontro vital e cordial com todos os seres e entes, como perfeição de cada perfeição.

Na fraternidade franciscana, universal e cósmica, Deus é o criador universal e o homem é o mediador igualmente universal, no sentido que recebeu a missão de cuidar, aperfeiçoar e administrar o mundo com justiça, em nome do Grande Outro, o Todo Bem e Sumo Bem. Portanto, o homem é administrador, mordomo, servidor e guardião do mundo. Pois, em nome do Outro Absoluto, do Senhor, Criador e Providência, deve gerenciar o mundo com fidelidade, justiça e respeito. Na verdade, o mundo é a morada do homem e nele deve viver e conviver como em sua casa. Portanto, o homem diante do mundo e das criaturas não pode ter sentimentos e atitudes de agressividade, de exclusão, de violência e de exploração.

Nessa perspectiva, Francisco vivia a realidade da pobreza: despojado das coisas, despojado do desejo de posse, despojado dos lugares e despojado do tempo. Impulsionado para a vida, para a ação e para a contemplação, vivia com profunda lucidez as relações fraternas: tratava todas as criaturas com respeito, ternura, cortesia, carinho e reverência (1C n. 29, 81-82). Viviu o tempo como graça, como gratuidade, como benevolência e como oportunidade concedida por Deus. Por isso, no dizer de J.A. Merino (1982, p. 85): “Francisco, ao viver, criava; ao atuar, encontrava; e ao dar uma resposta a suas íntimas exigências vitais, descobria.” Ao mesmo tempo, proclamou e viveu a fraternidade universal e cósmica: irmão de todas as criaturas (Adm n. 5,1-8).

O ideal da fraternidade se expressa e se realiza na experiência fraterna da comunidade original. Os frades “guardavam a paz e a mansidão com todas as pessoas e a reta intenção e o espírito de paz lhes permitiam evitar cuidadosamente todo escândalo. Apenas falavam quando era necessário, e de sua boca nunca saía nada de inconveniente ou ocioso [...] Nem inveja, nem malícia ou rancor, nem duplicidade, suspeição ou amargura nelas existiam, mas apenas muita concórdia, calma contínua, ação de graças e louvor.” (1C n. 15, 41).

Francisco e seus companheiros vão construindo, vivendo e animando a prática cotidiana da fraternidade. Ser irmão significa evitar qualquer comportamento de superioridade. Significa viver a atitude da acolhida e da misericórdia, sem julgamento. E significa reconhecer a dignidade do outro como pessoa humana, imagem e semelhança de Deus. Ao mesmo tempo, a fraternidade se abre para a missão e para a evangelização, conforme as respostas de Frei Silvestre e Irmã Clara: “Isto disse Deus para dizeres ao irmão Francisco: que Deus não o chamou a este estado somente para si;

mas para que ele obtenha fruto das almas e que muitos por ele sejam salvos.” (Fior n. 16). O franciscanismo assume a experiência da evangelização como experiência da fraternidade.

### **A experiência da evangelização**

A conversão no seguimento a Jesus Cristo e a opção radical ao Evangelho conduziram Francisco à experiência fraterna da evangelização, em comunhão com a Igreja. Ao mesmo tempo, apresenta uma proposta concreta e prática: “[...] andemos pelo mundo exortando e instruindo os homens e mulheres com a palavra e com o exemplo, para que façam penitência de seus pecados e se lembrem dos mandamentos do Senhor, que já por longo tempo esqueceram.” (LP n. 4,18).

No caso específico do tempo e do lugar, a missão significava superar ódios e divisões regionais e instaurar a paz (LP n. 35; Sp n. 105). Anunciar a paz toma-se a missão de Francisco e seus companheiros (1C n. 10,24; 12,29). E, também, torna-se saudação e desejo: “Em todas as pregações anunciava a paz, saudando o povo no início das pregações com estas palavras: o Senhor vos dê a paz.”(LM n.3,2). A Legenda Perusina acrescenta que a saudação da paz causava admiração e inquietação (LP n.67). Por sua vez, a Legenda dos Três Companheiros modifica a saudação para “Paz e Bem” (3S n. 8,26).

O testemunho da fraternidade e o anúncio da paz foram determinantes para a experiência dos primeiros frades, como homens verdadeiramente evangélicos. Não anunciavam teorias ou doutrinas. Viviam a fé, testemunhavam a fraternidade, defendiam a paz evangélica, faziam penitência e reconheciam a dignidade humana em cada pessoa. “Eu os admoesto e exorto – afirma a Regra bulada – a que não desprezem nem julguem os homens que virem usar vestes delicadas e coloridas, tomar alimentos e bebidas finas, mas, antes, julgue e despreze cada qual a si mesmo.” (2Rg n. 2,17).

O núcleo central da pregação de Francisco e seus companheiros é a conversão total e a renovação completa da vida, a renúncia às preocupações materiais e o seguimento a Jesus Cristo, a proclamação do amor de Deus e a fé em Jesus Cristo (3S n. 8,25). Segundo Francisco, a evangelização consiste em “seguir a doutrina e as pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo” (1Rg n.1,2). Viver o Evangelho é o elemento essencial da evangelização franciscana. No dizer de G. Gismondi (1995, p. 24): “A nova evangelização de Francisco fundamenta as suas raízes no mistério da Trindade. O seu ideal não está centrado nas atividades externas: ministérios,

pastorais ou qualquer outra atividade, mas na missão de conduzir todos ao pleno amor e comunhão de vida com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.”

Dois textos originais apontam e definem claramente a evangelização franciscana: a Carta aos Fiéis e a Carta à Ordem. Na Carta de Francisco aos Fiéis, a evangelização é defendida como serviço: “A todos os cristãos que viverem religiosamente, clérigos e leigos, homens e mulheres, a todos os que habitam no mundo universo, Frei Francisco, de todos servo e vassalo, saúda com reverente dedicação e deseja a verdadeira paz do céu e sincera caridade no Senhor” (4Ct-b n. 9,1). E na Carta à Ordem aparece a evangelização como mandato do Senhor: “Ele vos mandou pelo mundo universo, para dardes testemunho de sua voz, por vossas palavras e vossas obras, e fazerdes saber a todos que ninguém é todo-poderoso senão Ele.” (7Ct n. 12,9). A conversão ao Evangelho e o espírito alimentado em Deus são as intuições espirituais originais e as exigências básicas da evangelização franciscana. Ao mesmo tempo, requer-se a atitude fundamental do testemunho da fé e da vida pelas palavras e pelas obras. J.A. Merino (1982, p. 178) afirma: “Ele [Francisco] e seus frades querem ser uma fraternidade no meio do mundo para servir a todos os homens de modo incondicional e desinteressado, e sem olhar a identidade do necessitado. [...] A amplidão do horizonte de Francisco abarca a todos os homens sem excluir a ninguém e sem reserva a nenhuma classe ou grupo social.”

Francisco assume o modelo apostólico da pregação itinerante. Os frades percorrem, no início, a Itália; em seguida, a Europa e o mundo islâmico. O importante é anunciar o amor e a bondade de Deus Pai, a fé em Jesus Cristo e a conversão no Espírito Santo. Pois todos os povos precisam conhecer e viver as promessas do Reino e os mistérios da salvação. E, também, a experiência franciscana da evangelização assume a perspectiva do martírio (1C n. 20,55-56; LM n. 9,8). Porém, Francisco prefere não combater, mas evangelizar os sarracenos. Para servir ao Senhor, Criador e Pai de todos os povos e culturas. Em nome do Evangelho e da paz, não seguiu a proposta do confronto com os muçulmanos, mas escolheu o caminho do amor. “Sua devoção fervorosa e sua caridade ardente de tal maneira o levavam às coisas divinas, que os efeitos daquelas virtudes se derramavam copiosamente nos outros homens que lhe eram iguais em natureza ou em graça.” (LM n.9,4).

A missão franciscana entre os sarracenos, do ponto de vista dos resultados, foi um fracasso: “não houve paz entre muçulmanos e cristãos, nem a conversão do Sultão e muçulmanos, nem o fim das cruzadas.” (Gismondi, 1995, p. 38). Porém, a finalidade da evangelização franciscana é anunciar o amor e a bondade de Deus a todos os povos e considerar os sarracenos

amigos e irmãos (IRg n.22,1-4). Ao mesmo tempo, a reconstrução da Igreja passa pela proposta da nova evangelização de Francisco e seus companheiros: andar, viver, testemunhar e anunciar o Evangelho com humildade, simplicidade e fraternidade. Conseqüentemente, a experiência da evangelização franciscana abre-se para a experiência do desejo, dos sonhos e da utopia.

### **A experiência do desejo, da utopia e dos sonhos**

A experiência do desejo, da utopia e dos sonhos é a marca original da conversão de Francisco e do dinamismo do movimento franciscano. A força não está na instituição, na jurisdição, nas normas e no poder. A força motriz provém do coração convertido e da perfeita alegria.

Após ouvir a recomendação de Jesus no mandato apostólico (Mt 19,21; Lc 9,3; Mc 16,24), Francisco exclama: “É isso que eu quero, isso que procuro, é isso que desejo fazer de todo o coração.” (1C n.9,22; LM n.3.3; 3S n. 8,25). A partir dessa intuição iluminativa ou revelação divina, assume a nova vida com atitudes interiores e exteriores: deixa de viver como eremita, veste-se com uma túnica ajustada ao corpo por uma corda e recebe companheiros como dom de Deus. E os primeiros frades “puderam sentir neste irmão e amigo que vivia e conversava com eles o homem cujo desejo consistia não tanto em fazer coisas agradáveis a Deus quanto em deixar Deus fazer nele as coisas que tivesse por agradáveis”(Santaner, 1993, p.12 1). Em outra passagem, o mesmo autor sustenta: “Propõe Francisco a seu ministro [6Ct n. 1-4] um caminho diferente. Há coisa ainda melhor do que o desejo de amar a Deus, como há coisa melhor ainda do que o desejo do martírio. Consentir é desejar a vida como Deus a dá para viver, rica em brindes de alegria, por vezes também pesada como o fardo de suas cargas.” ( p.1 00).

Ao mesmo tempo, o franciscanismo compreende o homem como ser livre e integral, como expressão da humanidade do homem humano.

### **O humanismo franciscano**

O humanismo franciscano é delimitado por algumas características originais, significativas e primordiais, que marcam a pessoa humana na sua concretude cotidiana vivencial e existencial. Destacam-se estas características:

### *A presença*

A pessoa humana é, paradoxalmente, problemática e criativa, conflitiva e autônoma, contraditória e livre. Convive solitário, imerso em grandes multidões, sem marcar presença nominal, significativa, facial e subjetiva. O homem vive a monotonia do cotidiano repetitivo e programado. É forçado por agendas apertadas, compromissos inadiáveis, crediários controlados e pela ditadura das estatísticas de opinião. Ao mesmo tempo, exigem-se qualidade de vida, renovação continuada, formação permanente e controle emocional.

Por sua vez, Francisco vai ao encontro do homem como irmão universal. E como irmão acolhe a todos. É presença terna, afetiva e fraterna. Não foge, mas habita no mundo, e lhe dá sentido de casa paterna. Testemunha e comunica a presença total e plena de Deus bondade e amor. Em consequência, ser presença significa aceitar-se a si mesmo e abrir-se para os outros: ser um irmão junto aos irmãos. A presença franciscana é altruísta, exigindo aceitar os outros como distintos nas suas diferenças: irmãos de fraternidade, irmãos de Igreja e irmãos de mundo.

### *A relação*

O cotidiano da vida humana é marcado por relações de ordem familiar, profissional, econômica, religiosa, política, cultural, lúdica, existencial e afetiva. A presença franciscana mantém uma relação fraterna com todas as pessoas e com todas as criaturas. Uma relação afetiva, amável, desinteressada, sensível, agradável e cordial. Francisco vive, canta e celebra a beleza, a harmonia e a fraternidade da criação. Ao mesmo tempo, mantém uma relação pessoal, intersubjetiva, de respeito e cortesia, com as pessoas humanas, com as coisas, com as circunstâncias, com a paisagem e com o tempo. Nada é anônimo ou monótono. Tudo tem nome, tem sentido e significado. Todas as criaturas são interlocutoras válidas e interessantes. E tudo é motivo de louvor a Deus, com quem mantém uma relação facial, amável e filial.

### *O encontro*

A relação humana é dinâmica e provocativa. No dizer de J.A. Merino, a relação “se expressa e se manifesta através dos mais variados encontros que implicam interdependências de convergências ou divergências, reciprocidade ou sombra, acolhida ou afastamento. Todos os dias nos deparamos com pessoas, com coisas, com acontecimentos, com novas possibilidades e oportunidades, com conveniências ou inconveniências, com amores ou ódios” (1991, p.59).

Fundamentalmente, o encontro significa a consciência de estar no mundo e viver a concretude cotidiana no mundo. Significa assumir, sem jamais acomodar-se, a inquietude da busca e dos encontros. Significa sentir-se situado e encarnado na história, na cultura e no tempo. E significa pôr-se a caminho com perseverança, fidelidade, vigilância, coragem, ousadia e esperança. O encontro franciscano é desejado, espontâneo, cordial e celebrativo.

#### *A acolhida*

As realidades cotidianas humanas são assinaladas por alegrias e tristezas, amores e ódios, afetos e agressões, humores e tragédias, êxitos e fracassos. Contudo, a pessoa reclama paz, reconciliação, harmonia, aproximação, encontro e acolhida.

À medida que Francisco despojava-se de suas ambições, dos seus interesses, dos seus projetos e dos seus desejos, abriu-se para o outro e acolheu o amor e a bondade de Deus. Então, acolheu o leproso, assumindo a sua dignidade de pessoa humana. Acolheu companheiros como irmãos de jornada. Acolheu Clara com o complemento da sua vida e do seu amor. Acolheu a Igreja com o compromisso de restaurá-la e transformá-la. Acolheu a sociedade e suas divisões com a missão de transmitir a paz, a harmonia e a justiça. Acolheu o Sultão e os muçulmanos como irmãos e filhos de Deus. Acolheu todas as criaturas para confraternizar a celebração fraterna da criação e manifestar os louvores ao Senhor. E, por fim, acolheu a morte como irmã, para o encontro definitivo com o Altíssimo e Sumo Bem.

#### *O olhar*

O olhar é a observação atenta, penetrante, autêntica e singular de cada pessoa como única e como distinta. É a atitude do maravilhamento, do encantamento, do êxtase, da transparência, da admiração diante dos homens, das coisas, da paisagem, da montanha, da água, da cigarra, do sol e da lua. O olhar se encanta com o todo e com o particular, com a totalidade e com os detalhes. Ao mesmo tempo, o olhar afetivo, terno e amoroso atrai, fascina e seduz com benevolência e misericórdia. “Abre pois os olhos e inclina o ouvido de teu espírito, desata teus lábios e dispõe teu coração para que em todas as criaturas vejas, ouças, louves e ames a teu Deus, se não quiseres que todo o universo se levante contra ti.” (São Boaventura, *Itinerarium mentis in Deum*, c. 1, n. 15). O homem tem a responsabilidade de amar a si e todas as criaturas como irmãs.

### *A fraternidade*

O franciscanismo manifesta e expressa atitude fraternal, distinta e respeitosa para com todas as criaturas. E o dinamismo fraterno mais profundo e mais autêntico se concretiza através da sensibilidade, da delicadeza, da cortesia, da ternura e da reverência. Na fraternidade universal e cósmica acontece uma relação pessoal, alegre, livre e jovial, tendo em vista a promoção, a transformação e a libertação do mundo. Pois Francisco “era uma segura morada para todos” (Merino, 1982, p. 87).

O franciscanismo vive, testemunha e anuncia uma dimensão lúdica, festiva, alegre, celebrativa e utópica da vida. Vive uma experiência valorativa da pessoa humana e do mundo. Vive a gratuidade do tempo, das circunstâncias, das situações, dos lugares e das criaturas. E vive uma proposta utópica e concretiza utopias.

### **As utopias franciscanas**

Cada um alimenta desejos e sonhos. Os pensadores teorizam utopias políticas e sociais. E os crentes manifestam esperanças escatológicas. Porém, Francisco e seus companheiros experienciaram na vida cotidiana desejos, sonhos e utopias, como:

#### *A utopia de ter tudo em comum*

Atualmente, o mundo é iluminado e dominado pela economia planificada e globalizada, que impulsiona a produção para satisfazer necessidades e desejos. É a economia de mercado provocando a ética do desejo, com vistas a satisfações individuais, favorecendo o celeiro e a miséria, a ganância e a corrupção. Ao mesmo tempo, provoca o surgimento do consumidor compulsivo.

O franciscanismo, por sua vez, propõe uma forma de vida fundamentada na fraternidade, na alegria de viver, no espírito livre, na vivência despojada e na ética da frugalidade. E mais, tendo como única posse a sua fragilidade, a sua miserabilidade e a sua mendicância (Adm n. 5,8). Na fraternidade franciscana, a civilização da abundância, do bem-estar, do supérfluo e do consumo é substituída pela liberdade de conviver, de cantar e celebrar fraternalmente o mundo das criaturas. E, também, pela pobreza radical frente à posse e ao domínio das coisas, do tempo e dos desejos. É a experiência vital e existencial da gratuidade e da frugalidade, vivendo a utopia de ter tudo em comum: partilhar a vida e todas as coisas com a comunidade. Significa igualmente compartilhar o necessário de cada dia, viver na mesma casa e assentar-se na mesma mesa. Significa compartilhar projetos,

inquietações, esperanças, êxitos e fracassos. Significa crer no Deus da criação, da providência e da promessa.

*A utopia de ser irmão*

O despojamento da vanglória, da ganância e do poder provoca o encontro com o outro como irmão. A utopia de ser irmão não significa o reducionismo à igualdade e ao igualitarismo como sistema social ou político, que visa superar desigualdades, diferenças, privilégios e especificidades com partilhas iguais. Também não significa apenas a experiência da amizade. Ser irmão, na visão franciscana, significa viver, experienciar e praticar, na vida cotidiana, o sentimento maternal da convivência: ser amável, acolhedor, serviçal e terno (2Rg n. 6,8; 1Rg n.9,13-14). Significa valorizar e amar o irmão na sua intencionalidade, conforme sua experiência, disponibilidade, condição e situação.

*A utopia de viver uma religião alegre*

A utopia franciscana, como forma, estilo e experiência de vida, “se entende, se explica e se compreende adequadamente a partir do horizonte da esperança” (Merino, 1991, p.269). Isto envolve duas atitudes: dar sentido alegre à vida, vivendo como “peregrinos e forasteiros” neste mundo; ao mesmo tempo, sentir-se “filho de Deus e habitado por ele” (Merino, 1982, p. 306).

Viver uma religião alegre significa viver a gratuidade de Deus. Viver festivamente, alegremente e amorosamente a experiência de Deus. Significa fazer da vida uma grande e contínua celebração, em comunhão de vida e de fé com a Igreja. E significa viver a gratuidade de servir a todos, sem reservas nem julgamentos, sem exigências e recompensas para si mesmo.

*A utopia da fraternidade com a natureza*

A relação franciscana com o mundo das criaturas ultrapassa a compreensão do domínio, do usufruto e da exploração. A experiência franciscana promove uma relação de integração fraterna, respeitosa e cordial com a natureza. E a expressão da sensibilidade ecológica, estética, harmônica e fraterna com o mundo das criaturas. Significa viver no mundo compreendido como a grande casa paterna. Significa manter relações fraternas com toda a natureza universal e cósmica, sem exclusões ou preferências: acolher e amar igualmente a formiga e a cigarra. A primeira, porque louva a Deus pelo seu trabalho, e a cigarra porque louva a Deus pelo seu canto (Adm n. 5,2).

Em Francisco encontra-se a teologia da criação: a fraternidade com a natureza realiza-se no seguimento a Jesus Cristo, que se fez irmão de

todas as criaturas pela encarnação; e no amor a Deus, criador de toda a criatura.

#### *A utopia da pobreza*

O homem necessita e serve-se das coisas. Porém, o ser humano “que deseja realizar-se como projeto e vocação precisa cuidar da sua liberdade interior frente à posse e ao consumo” (Merino, 1991, p. 239): superar o domínio, a possessão, a ganância, a cobiça e o consumismo.

A utopia da pobreza não obedece ao desejo do bem-estar, do conforto, do consumo, do celeiro e do acúmulo como fatores de êxito e de felicidade. Ao contrário, defende a prática da frugalidade: usar com moderação, repartir o necessário, desfrutar da vida cotidiana e descobrir os valores gratuitos da liberdade, da alegria e do domínio de si mesmo. Enfim, celebrar o dom gratuito da vida em harmonia com a fraternidade humana e com toda a natureza.

A pobreza franciscana não é um conceito econômico e nem uma explicação social, política e ideológica. A pobreza praticada por Francisco e seus companheiros é uma experiência de vida. Significa partilhar fraternalmente as coisas necessárias, sem nada de posse e de desejo de apropriação. E, também, significa partilhar a vivência pessoal em favor dos irmãos: ser livre e disponível para o serviço desinteressado, na total gratuidade (2Rg n. 3,10-11).

#### *A utopia da liberdade*

Cada um alimenta continuamente o desejo da libertação, da emancipação e da autodeterminação. Busca realizar a liberdade social, política, sexual, econômica, cultural, moral e religiosa. Busca superar qualquer dependência. Porém, a liberdade franciscana não significa apenas a liberdade politicamente defendida, legalmente protegida e culturalmente aceita. A utopia da liberdade franciscana consiste em viver integralmente e com transparência a liberdade evangélica: não a consciência da racionalidade lógica, mas a consciência da intencionalidade sensível. Por isso, diante da liberdade pessoal e comunitária, o importante não são as normas, os juízos e os julgamentos, mas a vida “segundo o espírito”. A vida aberta ao novo, ao operativo, ao crítico, ao criativo e ao inédito. O espírito livre não aceita nem a imposição e nem a submissão. Aceita o desafio de Jesus Cristo na Cruz: “Tudo está consumado” (Jo 19,30). E aceita o gesto da nudez de Francisco ao devolver o dinheiro e a roupa ao pai: “Agora poderei dizer livremente: Pai nosso que estais nos céus.” (2C n. 7,12). Eis a expressão plena, real e simbólica da pessoa humana totalmente livre.

*A utopia da simplicidade*

No *Elogio das Virtudes*, Francisco inicia: “Salve, rainha sabedoria, o Senhor te guarde por tua santa irmã, a pura simplicidade” (EV n.1). A simplicidade visa à revelação de si mesmo na sua verdade, na sua autenticidade e no seu reconhecimento. Ao mesmo tempo, visa a superar atitudes ambivalentes, desconcertantes, contraditórias e confusas.

A revelação de si mesmo é espontânea e não forçada, transparente e não camuflada, confiante e não julgada. Conseqüentemente, as relações interpessoais e fraternas são possíveis, claras e autênticas. Enfim, pode-se resumir a simplicidade franciscana nesta frase: Francisco “amava a santa simplicidade, filha da graça, irmã da sabedoria, mãe da justiça.” (2C n. 142, 189).

*A utopia da alegria*

Nas utopias sociais fala-se muito da felicidade e pouco da alegria. Em Francisco, a alegria é a expressão máxima da felicidade, que provém do amor e da bondade de Deus. Em tudo existem sinais e dons divinos, que despertam atitudes de reconhecimento, de encanto, de maravilhamento, de admiração e de agradecimento. Isso significa habitar um mundo de criaturidade, de fraternidade, de gratuidade, de sensibilidade e de festividade. Em conseqüência, significa viver a vida como dom, como alegria, como festa e como celebração. Francisco vivia “sempre cheio de gozo interior e de manifestação festiva no exterior.” (Merino, 1991, p.230).

A narrativa da Perfeita Alegria recolhe a expressão concreta e suprema da experiência alegre e celebrativa da vida franciscana. A perfeita alegria não se encontra nos grandes valores e princípios, mas no reconhecimento humilde da debilidade humana. A perfeita alegria não está na sabedoria, na genialidade ou na ciência humana, mas em assumir com amor e paciência as próprias fraquezas. A perfeita alegria também não está em ser santo, com grandes poderes de cura e de pregação, mas em aceitar com alegria e fé as incompreensões e as injúrias (Fior n.8).

Francisco viveu e celebrou a alegria diante da vida, diante do mundo e diante de Deus. Viveu o bem da vida, o bem da existência, o bem da fraternidade, o bem do mundo e o bem do amor e da bondade de Deus, o Sumo Bem.

## Conclusão

A prática franciscana revela ao mundo uma experiência nova, alegre e jovial de existir, de conviver, de ver, de avaliar, de interpretar e de celebrar a vida e suas relações. É uma experiência sem barreiras, sem limites, sem fronteiras e sem horizontes. Vai ao encontro da vida com alegria, com fé, com amor e com esperança. “Francisco foi um homem de intensa gratidão e de sublime dependência de um Deus que nos fez livres. Seu sentido de gratidão não era uma fantasia, nem um simples sentimento, mas uma atitude profunda e vital de reconhecimento e de ação, que se traduzia numa generosa ascese e um contínuo canto de louvor” (Merino, 1991, p. 232-233).

A prática experiencial franciscana é uma herança rica de sentido e um desafio pleno de simbologia. A herança não se perde na experiência do passado. Ao contrário, a prática experiencial nova e original de Francisco e seus companheiros é sempre atual e desafiadora, porque é fonte inesgotável e autêntica de vida humana e evangélica. Em consequência, “a utopia franciscana não é uma fuga do mundo real, nem um refúgio a um passado dourado e nem a um futuro sonhado. É um trazer aqui e agora o que facilmente parece estar mais além do aqui e distante do agora. É uma afirmação do homem e da vida.” (Merino, 1982, p.308-309). O franciscanismo é uma forte experiência de esperança humana e de esperança escatológica. Esperança que se concretiza na confiança cotidiana no homem, nos acontecimentos, nas criaturas, na Igreja. Acima de tudo, confiança ilimitada no amor e na bondade de Deus em Jesus Cristo.

Por fim, a prática experiencial franciscana exige atitudes audazes, espírito criativo, vontade decidida, fidelidade permanente, visão otimista da vida e compromisso com a realidade cotidiana e concreta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSELDONK, Optato Van. De Crucifixo Sancti Damiani qualem vidit et “vixit” Franciscus. *Analecta Ordinis Fratrum Minorum Capuccinorum*, Roma, v. 97, n. 6, p. 374-385, nov./dec. 1981.
- BÓRMIDA, Jerônimo. *A não-propriedade*. Uma proposta dos franciscanos do século XIV. Porto Alegre: EST, 1997.
- CAROLI, Ernesto (Coord.). *Dicionário franciscano*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- CASAMENTI, Silvestro (Org.). *Ética e persona: Duns Scoto e suggestioni nel moderno*. Bologna: EFB, 1994.
- DE BONI, Luis Alberto (Org.). *São Boaventura: obras escolhidas*. Porto Alegre: 1983.

- GIALDI, Silvestre. Fundamentos filosóficos franciscanos de justiça, paz e ecologia. *Cadernos da ESTEF*, Porto Alegre, n. 7, p. 64-79, 1991.
- GISMONDI, Gualberto. *Carisma franciscano e nuova evangelizzazione nel terzo millennio*. Assisi: Porziuncola, 1995.
- KAZANTZAKIS, Nikos. *Pobre de Deus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
- MERINO, José Antônio: *Humanismo franciscano*. Franciscanismo y mundo actual. Madrid: Cristiandad, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Visión franciscana de la vida cotidiana*. Madrid: Paulinas, 1991.
- \_\_\_\_\_. Umanesimo franciscano ed ecologia. *Vita Minorum*, Padova, n.4, p. 323-332, lug./ago. 1991.
- \_\_\_\_\_. Umanesimo franciscano ed ecologia II. *Vita Minorum*, Padova, n.5, p. 449-462, set./out. 1991.
- \_\_\_\_\_. Umanesimo franciscano ed ecologia III. *Vita Minorum*, Padova, n.6, p. 511-525, nov./dic. 1991.
- \_\_\_\_\_. *Historia de la filosofía franciscana*. Madrid: BAC, 1993.
- MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). *Herança franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SANTANER, Marie-Abdon. *Francisco de Assis e de Jesus*. São Paulo: Loyola, 1993.
- SILVEIRA, Ildefonso (Org.). *São Francisco de Assis*. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. Petrópolis: Vozes, 1981.